



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

UM ESTUDO DAS ESTRUTURAS CLIVADAS DO PORTUGUÊS

JULIANA CHRISÓSTOMO DE ALMEIDA

Brasília
2011

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Pressupostos Teóricos	4
2.1 Pressuposição	4
2.2 Focalização	8
2.3 A Teoria X-Barra	12
2.4 Clivagem	14
2.5 Clivadas X Relativas	22
3. Análise do Fenômeno na Gramática Tradicional	29
4. Apresentação e Análise de Dados	37
5. Conclusão	41
6. Referências Bibliográficas	42
Anexos	44

1. Introdução

O presente trabalho, cujo embasamento teórico foi construído a partir de estudos e análises de autores gerativistas, tem como objetivo realizar um estudo sobre as estruturas clivadas no Português do Brasil. Intenciona-se também verificar e descrever como e se o fenômeno é tratado pelas gramáticas tradicionais (GT's) já que estas possuem um caráter bastante deficitário no que concerne à abordagem não só de questões sintáticas, que são o foco do presente trabalho, mas também à concepção de critérios morfológicos e semânticos.

Partindo-se do pressuposto de que a clivagem é um fenômeno produtivo na Língua Portuguesa oral, objetiva-se, a partir da coleta de dados da “Revista Veja”, verificar se ela também ocorre na língua escrita.

Dessa forma, para uma melhor compreensão do tema, serão analisados conceitos como pressuposição e focalização, teoria X-Barra, além de estudos de diferentes autores para estabelecer diferenças entre sentenças clivadas e relativas devido às suas semelhanças estruturais. Em seguida, será apresentado o estudo realizado nas gramáticas tradicionais, assim como a apresentação e a análise dos dados coletados na “Revista Veja”.

2. Pressupostos Teóricos

Neste capítulo serão abordados importantes tópicos necessários à compreensão das estruturas clivadas. Para isso, será desenvolvida uma explanação do conceito de pressuposição que toma como base a proposta de George Yule (1996), além das estratégias de focalização, os tipos de foco e os testes para identificação dos mesmos. Este capítulo também se propõe a apresentar a Teoria X-Barra postulada por Noam Chomsky (1970), bem como as propostas dos autores gerativistas para conceituar e exemplificar as características, as propriedades e as funcionalidades das estruturas clivadas, além dos argumentos defendidos por esses autores na defesa de que clivadas e relativas constituem estruturas sintáticas distintas.

2.1 Pressuposição

Segundo Mioto (2003), a pressuposição e o foco são as duas “partes” nas quais se organiza a carga informacional de uma sentença. De acordo com George Yule (1996), apesar de a pressuposição se referir à informação conhecida pelo falante, ela pode ser verdadeira ou não. Algumas possíveis pressuposições para a sentença (1) são: a de que Maria existe; ela tem um irmão e esse irmão tem dinheiro.

- (1) a. Mary's brother bought three horses.¹
'O irmão de Maria comprou três cavalos.'

Usualmente “a pressuposição é tratada como uma relação entre duas proposições” (YULE, 1996, p. 26)². Por exemplo, em (2), há duas proposições: (2a) e (2b), cuja relação entre elas é estabelecida porque (2a) pressupõe (2b), ou seja, a

¹ A sentença (1) foi extraída de George Yule (1996). As análises de (1) e (2) foram extraídas desse autor.

² Tradução livre

sentença (2a) só por conter um comentário a respeito do gatinho de Maria já permite pressupor, que Maria tem um gatinho: (2b), como mostram os exemplos adaptados de Yule (1996):

- (2) a. Mary's little cat is beautiful.
'O gatinho de Maria é bonito.'

b. Maria tem um gatinho.

Se (2a) for negada, a pressuposição (2b) não muda, ou seja, sendo o gatinho bonito ou não, a pressuposição de que Maria tem um gatinho não será alterada, como mostram as sentenças em (3), adaptadas de YULE (1996), onde (3b) é igual a (2a). Essa propriedade de a pressuposição não ser alterada quando a sentença a que ela se refere for negada é chamada "constância sob negação" (YULE, 1996, p. 26).

- (3) a. Mary's little cat is not beautiful.³
'O gatinho de Maria não é bonito.'

b. Maria tem um gatinho.

Existem vários tipos de pressuposição: pressuposição existencial, pressuposição factiva e não factiva, pressuposição lexical, estrutural e pressuposição contrafactual. Essas pressuposições se associam a certas estruturas que são, na verdade, "indicadores de potenciais pressuposições" (YULE, 1996, p. 26), ou seja, as estruturas (sentenças) indicam quais os possíveis tipos de pressuposições que podem ser vinculadas a elas.

A pressuposição existencial, além de ocorrer em construções possessivas, como exemplificado nas sentenças (1) e (2), pode também se associar a "qualquer sintagma nominal definido" (YULE, 1996, p. 26).

- (4) The King of Sweden, the cat, the girl were next door.
'O rei da Suécia, o gato e a garota estavam ao lado da porta'

³ A sentença (4) foi adaptada de George Yule (1996) e as análises de (3) e (4) foram extraídas desse autor.

Como se vê em (4), o falante está certo da existência de todas as entidades apresentadas pelos sintagmas nominais: rei, Suécia, gato, garota, etc.

A pressuposição factiva é aquela que relata um fato e pode ocorrer em uma mesma sentença que já vincule uma pressuposição existencial. Ela pode estar associada a verbos como “saber”, “lamentar” e “perceber”, apresentados nas sentenças de (5) a (7) adaptadas de George Yule (1996), onde é possível constatar que, além da existência dos seres, (pressuposição existencial), há a ocorrência de fatos reais: em (5), a pressuposição factiva é a de que Maura de fato estava doente, em (6), é a de que Jorge contou a verdade a Bruno e a pressuposição factiva de (7) é a de que o filho saiu mais cedo.

- (5) Lucas didn't know that Maura was sick.⁴
'Lucas não sabia que Maura estava doente.'
- (6) Jorge regret telling Bruno the truth.
'Jorge lamentou contar a verdade a Bruno.'
- (7) The mother didn't realize the son left early.
'A mãe não percebeu que o filho saiu mais cedo.'

Já a pressuposição lexical, além de conter uma afirmação, vincula outra informação que não é declarada. Em (8), por exemplo, também adaptada de Yule (1996), além da afirmação de que Júnior parou de fumar, há ainda a informação, não declarada, de que Júnior costumava fumar.

- (8) Júnior stopped smoking.
'Júnior parou de fumar.'
Pressuposição lexical: Júnior costumava fumar.
- (9) The audience started complaining.
'O público começou a reclamar.'
Pressuposição lexical: o público não estava reclamando antes.

⁴ A sentença (9) foi extraída de George Yule (1996) e as análises de (5) a (9) foram extraídas desse autor.

É importante elucidar a diferença entre pressuposição lexical e pressuposição factiva: enquanto a primeira pressupõe uma informação não declarada, a segunda pressupõe que a informação é verdadeira e é declarada depois. Em (10) é possível pressupor que Jorge já se atrasou antes, embora essa informação não esteja declarada. Já em (11), a informação, o fato de todo mundo saber de algo, já implica na sentença um valor de verdade cuja confirmação é apresentada logo depois, quando se diz que Joana é artista.

- (10) Jorge is late again.⁵
‘Jorge está atrasado de novo.’
Pressuposição lexical: Jorge já se atrasou antes.

- (11) Everybody knows that Joana is an artist.
‘Todo mundo sabe que Joana é uma artista.’
Pressuposição factível: Joana é uma artista.

A pressuposição estrutural é aquela em que uma parte da sentença já indica um valor de verdade. As construções com perguntas Qu- ilustram bem esse tipo de pressuposição. Em (12), por exemplo, além de parecer que o falante deseja simplesmente obter resposta à sua pergunta, só a presença do pronome interrogativo “onde” já “traz” a pressuposição de que a bicicleta foi comprada.

- (12) Where did you buy the bike?
‘Onde você comprou a bicicleta?’

A pressuposição não factiva, todavia, é aquela que não corresponde a uma verdade e também está associada a determinados tipos de verbos, como “sonhar” (13), “imaginar” (14) e “fingir” (15):

- (13) Bruna dreamed that she was rich.
‘Bruna sonhou que era rica.’
Pressuposição não factiva: Bruna não é rica.

⁵ As sentenças (10), (11) e (13) foram adaptadas de George Yule (1996). As sentenças (12), (14) e (15) foram extraídas diretamente desse autor, assim como as análises de todas as sentenças.

- (14) We imagined we were in Hawaii.
'Nós imaginamos que estávamos no Havai.'
Pressuposição não factiva: Nós não estávamos no Hawaii.
- (15) He pretended to be ill.
'Ele fingiu estar doente.'
Pressuposição não factiva: ele não estava doente.

Por fim, a pressuposição contrafactual é aquela que não corresponde à verdade: “é a oposição do que é verdadeiro ou contrário aos fatos” (YULE, 1996, p. 29). A sentença ⁶(16), adaptada de Yule (1996), constitui bom exemplo de pressuposição

- (16) If Jorge had money, he would have bought a yate.
'Se Jorge tivesse dinheiro, teria comprado um iate.'
Pressuposição contrafactual: Jorge não tem dinheiro.

Como se vê, (16) pressupõe que a informação não é verdadeira, ou seja, Jorge não tem dinheiro.

2.2 Focalização

Conforme mencionado anteriormente, de acordo com o Miotto (2003), as duas “partes” nas quais se organiza a carga informacional de uma sentença são: a pressuposição e o foco. Enquanto a pressuposição se refere à parte da sentença que corresponde à informação que já é conhecida pelos falantes, o foco relaciona-se à parte da sentença que “responde pela informação nova” (MIOTTO, 2003, p. 170). Miotto (2001, 2003), Quarezemin (2005) e Guessier (2008), dedicaram parte de seus estudos à focalização. As pesquisas sobre esse tema apresentam as várias estratégias sintáticas possíveis para pôr em destaque constituintes em uma sentença, atestando quão rica é a língua portuguesa. Uma dessas estratégias é a clivagem.

⁶ As análises de (16) foram baseadas em George Yule (1996).

Para os constituintes focalizados, Mioto (2003) defende uma classificação, ou seja, argumenta que há dois tipos de focos: o de informação, que fornece apenas certa informação solicitada e o que, além da informação nova, tem traços discursivos. Este último é subclassificado de acordo com a informação adicional: foco contrastivo (i), “se envolve contraste ou correção de uma informação anterior” (MIOTO, 2003, p. 169), e foco de identificação (ii), “se a propriedade adicional envolvida é de informação exhaustiva” (MIOTO, 2003, p. 169), isto é, informação que esgota as possibilidades de interpretação.

Guesser (2008) retoma as sentenças de Mioto (2001, 2003), Quarezemin (2005) e Guesser (2007) que constituem exemplos de clivagem e das demais estruturas sintáticas destacadas por esses autores, através das quais é possível focalizar/destacar tanto o sujeito (17) quanto o objeto (18), conforme apresentado abaixo:

Focalização do sujeito:

- (17) a. Foi **a Maria** que trouxe o livro. (clivada canônica)⁷
 b. **A Maria** foi que trouxe o livro. (clivada invertida)
 c. Quem trouxe o livro foi **a Maria**. (pseudoclivada)
 d. **A Maria** foi quem trouxe o livro. (pseudoclivada invertida com foco pré-cópula.)
 e. Foi **a Maria** quem trouxe o livro. (pseudoclivada invertida com foco pós-cópula)
 f. **A Maria** que trouxe o livro. (foco + que)
 g. Foi **a Maria**. (ser + foco)
 h. **Maria** trouxe um livro. (SVO)

Focalização do objeto:

- (18) a. Foi **um livro** que a Maria comprou. (clivada canônica)⁸
 b. O que a Maria comprou foi **um livro**. (pseudoclivada)
 c. Um livro foi o que a Maria comprou. (pseudoclivada invertida com foco pré-cópula.)

⁷ (17) e (18) são sentenças extraídas de Guesser (2008, grifo nosso) obtidas de Mioto (2001, 2003), Quarezemin (2005) e Guesser (2008).

⁸ As classificações de clivadas aqui discutidas e inseridas ao lado das sentenças são baseadas nesses autores.

- d. Foi **um livro** o que a Maria comprou. (pseudoclivada invertida com foco pós-cópula)
- e. Foi **um livro**. (ser + foco)
- f. A Maria comprou **um livro**. (SVO)
- g. **Um livro** a Maria comprou. (OVS)

De acordo com Miotto (2003), a focalização pode ocorrer *in situ*, isto é, na posição de sujeito (19), adjunto (20) ou objeto (21), ou implicar movimento de constituintes. As construções clivadas se enquadram nesse último tipo e focalizam os elementos à esquerda da sentença como em (22):

- (19) “**Uma bota** a Maria comprou.”
- (20) “Joana deixou o brinquedo **ali**”.
- (21) A Ana comprou **um carro**.
- (22) Foi **um carro** que o João comprou.⁹

É interessante observar que os tipos de foco são usualmente abordados pelas bibliografias sempre associados a testes de identificação dos mesmos, já que dependem do contexto discursivo. Miotto (2003), por exemplo, destaca que “o contexto típico de um foco de informação é o que contém uma pergunta Qu-” (MIOTTO, 2003, p. 172), como em (23) e (24): os constituintes destacados em (23b) e (24b), que respondem às perguntas substituindo a pergunta Qu- “o que”, vão ser os focos (F):

- (23) a. – O que o João comprou?¹⁰
b. – O João comprou [**F um carro**].
- (24) a. – O que aconteceu?
b. – [**F O João comprou um carro**].

Como foi dito, além de informação, o foco pode ser de identificação, caso em que a informação é exaustiva, ou pode ser contrastivo, “quando envolve contraste ou correção de uma informação anterior.” (MIOTTO, 2003, p. 169).

⁹ As sentenças (19) a (22) foram adaptadas de Miotto *et alii* (2007) e as análises, extraídas desses autores.

¹⁰ As sentenças (23) e (24) e suas respectivas análises foram extraídas de Miotto (2003).

Para detectar se o foco de identificação é exaustivo, Guessser (2008) apresenta outro teste que é análogo ao proposto por Farkas (apud Kiss 1998), o qual envolve um diálogo contendo duas sentenças: nega-se a primeira sentença na segunda, e se essa negação for bem sucedida, isso significa que o foco não é exaustivo, ou seja, a primeira sentença não inclui todos os elementos que compõem o foco, como exemplificado em (25) e (26).

É interessante observar que a “estranheza” de (26b), por exemplo, ocorre porque o foco em destaque não é exaustivo, ou seja, há mais elementos que o compõem, não apenas a “bolsa”, mas o “sapato” também.

(25) a. – Foi uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.¹¹

b. – Não, ela comprou um sapato também..

(26) a. A Maria comprou uma bolsa naquela loja.

b. Não, ela comprou um sapato também.

Por fim, no que concerne à detecção do foco de identificação contrastivo, o teste apresentado por Miotto (2003) e retomado por Guessser (2008) consiste em inserir uma negação a um valor inicialmente atribuído ao foco potencial. Em (27b), a negação foi atribuída ao objeto “um livro” e, em (28b), ao sujeito “A Débora”. Zubizarreta (1998) aponta que a leitura desse foco deve ser “[*x mas não y*]”, onde *x* é o foco e, neste caso, o valor atribuído ao foco é *x*: “um livro” (27b) e “A Débora” (28b): e, não *y*: “uma revista” (27a) e “O Paulo” (28b).

(27) a. A Débora leu uma revista.¹²

b. A Débora leu um livro. (não uma revista)

(28) a. A Débora leu uma revista.

b. A Débora leu um livro. (não o Paulo)

¹¹ As sentenças (25) e (26) foram extraídas de Guessser (2008) e as análises foram baseadas nessa autora e em Miotto (2003).

¹² As sentenças (27) e (28) foram adaptadas de Miotto (2003) e Guessser (2008) e as análises, extraídas dos mesmos.

Com relação aos tipos de foco veiculados pelas clivadas, assumir-se-á a linha de Mioto (2003), que defende que as sentenças cujo foco é deslocado, como as clivadas, não podem ser mero foco de informação e que a esse tipo de foco “está associado pelo menos um valor positivo dos traços [exaustivo] e [contrastivo]” (MIOTO, 2003, p. 177), ou seja, o foco veiculado pelas clivadas é o de identificação, podendo apresentar tanto informação contrastiva quanto exaustiva.

2.3 A Teoria X-Barra

“Chomsky (1970), ao examinar o comportamento dos elementos nominais, observou a similaridade de comportamento entre verbos, nomes e adjetivos. Essa generalização intercategorial é representada na teoria gerativa por meio da notação X-barra (X'), em que X corresponde a cada uma das quatro categorias: N(nome), V(verbo), A(adjetivo) e P(preposição).” (LOBATO, 1986).

Conforme Mioto *et alii* (2007), o sintagma (constituente maior) é formado de um núcleo X (projeção mínima) e suas demais projeções X' (projeção intermediária) e XP (projeção máxima), como exemplificado em (29):

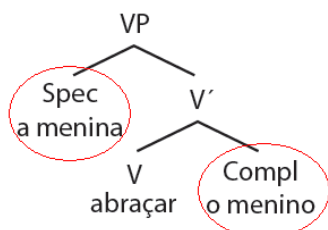
- (29) X = projeção mínima;¹³
 X' = projeção intermediária;
 XP = projeção máxima (=sintagma).

De acordo com esses autores, um núcleo X fecha sua projeção XP combinado com o seu Especificador (Spec) e seu Complemento (Comp). Os especificadores (Spec) de X são constituintes que ocupam a posição de sujeito da sentença ou de argumento externo, e o complemento (Comp) são os constituintes que servem para complementar o X (nome ou verbo) e ocupam a posição de argumento interno. Conforme exemplificado em (30), o verbo V “abraçar” é a categoria ocupada por X, como postulado por Chomsky (1970), pois tem como Spec “a menina” e como complemento “o menino”. Combinado com esses elementos, X, que no caso é V, fecha sua projeção máxima VP.

¹³ A sentença (29) e suas respectivas análises foram extraídas de Mioto *et alii* (2007).

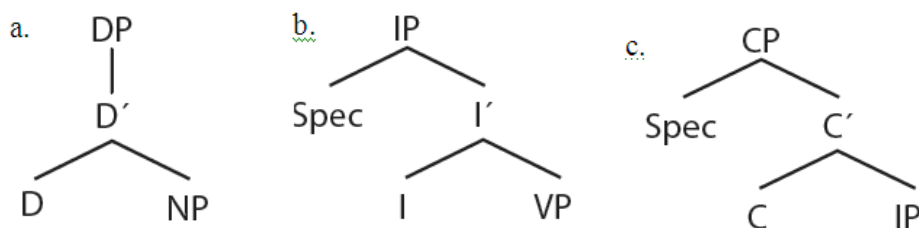
Vale ressaltar que o núcleo é quem determina a presença ou ausência de Spec ou Compl.

(30)



Em (31)¹⁴ constam exemplos de projeções máximas cujos núcleos são, respectivamente, D (determinante), I (flexão verbal) e C (complemento):

(31)



“O determinante D é o núcleo que opera sobre o nome para permitir que ele funcione como argumento.” (MIOTO *et alii*, 2007, p. 28). Tomando como base a estrutura simplificada de um DP como (31a), em (32), o D opera sobre o NP “menino”, “dando-lhe o sentido de definido, para que este possa figurar como argumento externo do verbo” (MIOTO *et alii*, 2007, p. 28) (amar). (D) fecha, assim, sua projeção DP.

(32) [DP [D O] [NP menino]] ama Júlia.

“A flexão I é o núcleo que define uma sentença” (Mioto *et alii*, 2007, p. 27). Tomando como base a estrutura de um IP como (31b), pode-se afirmar que I tem sempre como Complemento, um VP (sintagma verbal), porque o I opera sobre o verbo determinando seu tempo/modo e sua concordância. Na sentença (33), a flexão verbal “ou” opera sobre o verbo “beijar” indicando pretérito perfeito do indicativo. Além de

¹⁴ As sentenças (30) e (31) foram extraídas de Mioto *et alii* (2007) e, (32), adaptada desses autores. A análises de todas elas foram extraídas e baseadas em Mioto *et alii* (2007).

Especificador, o núcleo I tem sempre Complemento, logo, na sentença em questão, o Spec é “Marcos” e o Complemento é um VP, “o Marcos beijou a Ana”. I fecha, assim, sua projeção IP.

(33) João descobriu que [_{IP} o Marcos beijou a Ana].¹⁵

“O complementizador C é o núcleo que permite encaixar uma sentença em outra” (MIOTO *et alii*, 2007, p. 28). Tomando como base a estrutura simplificada de um CP como (31c), o núcleo C é preenchido por “que” ou “se” e tem sempre um “IP como complemento” (MIOTO *et alii*, 2007, p. 29). Em (34), é o que C que permite o encaixe da sentença declarativa “o menino ama a menina” como complemento do verbo “achar”, que se encontra no nível do VP da outra sentença, “João achou [...]”.

(34) João achou [_{CP} que [_{IP} o menino ama a menina]].

Segundo Mioto (2003), de acordo com a vertente gerativista, as duas áreas que compõem uma sentença são: o IP, a área nuclear onde a sentença matriz porta a informação conhecida, e o CP, que fica na periferia esquerda da sentença matriz e “é ativado para abrigar uma informação nova” (MIOTO, 2003, p. 179), o foco. Segundo o autor, as estruturas clivadas encontram-se no nível do CP e acionam, portanto, a “periferia esquerda da sentença” (MIOTO, 2003, p. 179), como a clivada em (35):

(35) Foi [_F aquele carro] [_{CP} que [_{IP} o João comprou]].

Como se vê, em (35), o foco é “aquele carro”, o CP é “que o João comprou” e o IP é “o João comprou”.

2.4 Clivagem

Para definir as estruturas clivadas, Guessier (2008) retoma a definição de Resenes (2008) segundo a qual as clivadas constituem “um recurso sintático utilizado

¹⁵ As análises de (33) e (34) foram adaptadas de Mioto *et alii* (2007) e (35), extraída de Mioto (2003). As análises dessas sentenças foram extraídas dos autores respectivamente citados.

para focalizar constituintes” (GUESSER, 2008, p. 1) e são formadas pela sequencia: “(verbo ser) + (XP) + (que) + (IP)” (GUESSER, 2008, p. 1), quando são clivadas canônicas, como em (37), que responde à pergunta de (36), ou apresentam “a sequencia (XP) + (ser) + (que)” (GUESSER, 2007 p. 1), quando são clivadas invertidas, como em (38), resposta a (36). Guesser (2008) acrescenta que o IP dessas sentenças deve conter uma *ec* (*empty category*, “categoria vazia”), “que corresponda ao foco XP pré ou pós-cópula” (GUESSER, 2007, p. 1). Nesse caso, a *ec* trata-se de uma posição não ocupada, mas que retoma o constituinte que se deslocou para a posição de foco. Portanto, em (39), o IP deve ser compreendido como “Marcos comprou *ec*”, onde *ec* refere-se a “aquele barco”.

(36) Quem comeu este bolo?¹⁶

(37) Foi a Maria que comeu este bolo.
(Foi) verbo ser-cópula + (a Maria) XP pós-cópula + (que) + IP (comeu este bolo).

(38) A Maria foi que comeu este bolo.
(A Maria) XP + (foi) verbo ser - cópula + (que) + IP (comeu este bolo).

(39) Foi aquele barco que o Marcos comprou *ec*.¹⁷

Por fim, a sentença encaixada deve ter uma informação pressuposta. Para as sentenças (37) e (38), a pressuposição é de que “alguém comeu o bolo” e para a sentença (39) é a de que Marcos comprou alguma coisa.

Perini (2007) defende que em português os constituintes que compõem uma oração simples podem desempenhar várias funções sintáticas (sujeito, objeto, adjuntos), ou seja, eles apresentam um “comportamento sintático variado” (Perini, 2007, p. 89). O autor descreve o comportamento desses constituintes através de “traços distintivos”, dentre os quais se encontram os traços [Q] e [CL].

De acordo com o autor, o traço [Q] corresponde à propriedade de o constituinte poder ser retomado por “que”, “o que” ou “quem”. Os constituintes que podem

¹⁶As sentenças de (36) a (38) foram extraídas de Guesser (2008) e as análises extraídas da mesma.

¹⁷ A sentença (39) foi adaptada de Miotto (2003) e, as análises, extraídas do mesmo.

apresentam esse traço marcado positivamente são: objeto direto, complemento do predicado e predicativo. As sentenças abaixo exemplificam bem essa propriedade: em (40a), o constituinte “uma droga” por permitir ser retomado pelo elemento “o que” (40b), possui o traço [+Q]. Porém, em (41b), a utilização do mesmo elemento “o que” em substituição ao advérbio “frequentemente” gera uma pergunta inadequada para uma resposta como [41a].

(40) a. – Todos acharam esse livro uma droga.¹⁸

b. – Todos acharam esse livro o quê?

(41) a. Frequentemente, Jeremias reclama.

b. O que Jeremias reclama?

Perini (2007) defende que o traço [CL] corresponde à propriedade de o constituinte poder ser foco de uma sentença clivada, a qual permite colocar em evidência diversos tipos de constituintes com o auxílio do verbo “ser” e do “que”. Pela análise do autor, depreende-se que os constituintes que podem apresentar esse traço marcado positivamente são: objeto direto, complemento do predicado, predicativo, adjunto adverbial e adjunto circunstancial. Em (42b), por exemplo, foi possível focalizar “meus sobrinhos” presente na oração primitiva (42a), evidenciando que esse constituinte possui o traço [+CL]. Já a impossibilidade de se clivar “francamente” em (43b) comprova que tal constituinte apresenta o traço [-CL].

(42) a. Meus sobrinhos comeram a melancia. (oração primitiva)

b. Foram meus sobrinhos que comeram a melancia. (estrutura clivada)

(43) a. Francamente esse professor é um neurótico.

b. *É Francamente que esse professor é um neurótico.

De acordo com o autor, a clivagem sempre ocorre a partir de uma oração primitiva que possua um termo marcado [+CL]. Além disso, ele defende que a clivada é

¹⁸ As sentenças (40) e (41) foram extraídas de Perini (2007) e as análises aqui desenvolvidas também são desse autor. É importante ressaltar que a sentença (41b) não é considerada agramatical por Perini (2007), mas, inadequada para o contexto apresentado; por tal razão ela não foi marcada com asterisco.

a estrutura que apresenta, respectivamente, o verbo “ser” concordando em tempo com o verbo da oração primitiva, o constituinte que porta o traço [+CI], o item que (quem) e os demais termos da oração chamada “primitiva”. A sentença (44b)¹⁹ é exemplo de clivada: apresenta o verbo “ser” (foi), o termo [+CI] (mamãe) e o item (que) seguido dos demais constituintes (fez os sanduíches). Além disso, “as clivadas correspondem totalmente a suas versões não clivadas” (PERINI, 2007, p. 215).

- (44) a. Mamãe fez os sanduíches. (oração primitiva)
b. Foi mamãe que fez os sanduíches. (estrutura clivada)

De acordo com Guessser (2008), Resenes (2008) coloca sob o rótulo de “clivadas” tanto a clivada canônica quanto a clivada invertida. Além desses tipos de sentenças, Miotto (2001, 2003), Quarezemin (2005) e Guessser (2008) classificam também como clivadas, as pseudoclivadas ordinárias e as pseudoclivadas invertidas com foco pré ou pós-cópula, conforme exemplificado em (17) e (18). Entretanto, essa questão não é consensual entre os autores, havendo um debate não só sobre a estrutura de uma clivada canônica como também sobre se as pseudoclivadas pertencem ou não a essa classificação.

Perini (2007), por exemplo, enfatiza, em sua “Gramática Descritiva do Português”, que a pseudoclivagem não se identifica com a clivagem e que, apesar das aparentes semelhanças entre elas, a distinção que marca essas estruturas é bastante forte. A primeira diferença é que, na clivagem, o elemento “Q” inserido no início da oração pode ser “que” ou “quem” e é determinado pelo traço [humano]²⁰ do constituinte que é focalizado, enquanto na pseudoclivagem, esse elemento só pode ser “que”. O autor defende, dessa forma, que, em sentenças como (45), por exemplo, não se pode colocar “que” no lugar de “quem”, porque o constituinte “o cabrito” não apresenta o traço [+humano].

- (45) *Que/o que assou o cabrito foi vovô.

¹⁹ As sentenças de (42) a (44) foram extraídas de Perini (2007). Os termos “oração primitiva” e “estrutura clivada” foram acrescentados ao lado das sentenças de (44), cujas análises foram baseadas em Perini (2007).

²⁰ O traço [humano] é um termo utilizado por Perini (2007).

A segunda diferença é que “enquanto a clivagem se aplica a constituintes marcados [+Cl], a pseudoclivagem só se aplica a constituintes marcados [+Q]” (PERINI, 2007, p. 215). O autor exemplifica essa questão fazendo uso das sentenças abaixo em que o adjunto circunstancial “por Sílvia”, que é [+Cl, -Q], pode ser clivado, mas a sua versão pseudoclivada será agramatical, como se vê em (46c):

- (46) a. Maria foi entrevistada por Sílvia.²¹
b. Foi por Sílvia que Maria foi entrevistada.
c. *Quem/o que/por quem Maria foi entrevistada foi por Sílvia.

Mioto & Negrão (2007) parecem estar em maior concordância com os autores citados: Mioto (2001, 2003), Quarezemin (2005), Guessier (2007) e Resenes (2008), exceto com Perini (2007), por considerarem clivadas e pseudoclivadas sentenças plenas do processo de clivagem, mas eles destacam haver diferenças do ponto de vista sintático quanto ao preenchimento do CP: o CP da pseudoclivada tem o núcleo C preenchido pelo elemento Qu-, como em (47a) e (47b), e o da clivada é preenchido pelo pronome “que”, como em (47c). “Além disso, o CP das pseudoclivadas pode aparecer no início da sentença ou no fim, enquanto o das clivadas não pode se posicionar no começo” (Mioto & Negrão, 2007, p. 166), como se vê em (47d):

- (47) a. [CP O que o menino comeu] foi o bolo.
b. Foi o bolo [CP o que o menino comeu].
c. Foi o bolo [CP que o menino comeu].
d. [*Que o menino comeu] foi o bolo.

De acordo com Mioto & Negrão (2007), a literatura gerativista também considera clivadas puras tanto pseudoclivadas quanto clivadas, respectivamente as sentenças apresentadas em (47b) e (47c), porém esses autores constatarem a existência de diferenças entre essas estruturas. Akmajian (1970), por exemplo, que, de acordo com Mioto & Negrão (2007), desenvolveu a primeira análise das clivadas no modelo gerativista, compartilha a percepção de Resenes (2008) de que clivadas e pseudoclivadas diferem em virtude do movimento que ocorre na formação da clivada.

²¹ As sentenças (45) e (46) e suas análises foram extraídas de Perini (2007) e, (47), de Mioto & Negrão (2007).

Quando esse movimento se aplica a sentenças pseudoclivadas como o par (47a) e (47b) não ocorre agramaticalidade, mas quando se tenta derivar a clivada canônica de (47c) ocorre o problema de não existir (47d). Miotto & Negrão (2007) explicam que Emonds (1976) e Chomsky (1977) foram autores que também trataram essa questão e apresentaram novas análises, mas mantiveram a concepção de que (47b) e (47c) são clivadas.

Miotto & Negrão (2007) acrescentam que Bošković (1997), e outros autores citados por ele, apontam como diferença entre clivada e pseudoclivada a possibilidade de as pseudoclivadas serem predicacionais (48a) ou especificacionais (48b), “enquanto as clivadas só podem ser especificacionais (48c)” (MIOTTO & NEGRÃO, 2007, p. 169). Uma sentença predicacional é aquela em que o adjetivo não concorda com o sujeito, e passa a ser, portanto, predicado de toda a relativa. Já uma sentença especificacional é aquela em que o adjetivo concorda com o sujeito (predicado deste sujeito). A agramaticalidade de (48d) corrobora a análise dos autores de que “clivadas só podem ser especificacionais.” (MIOTTO & NEGRÃO, 2007, p. 167).

- (48) a. O que Maria é é escandaloso.²²
b. O que Maria é é escandalosa.
c. É escandalosa que a Maria é.
d. *É escandaloso que a Maria é.

Miotto & Negrão (2007) apontam ainda, do ponto de vista semântico, uma diferença construída a partir das observações de Miotto (2004): a de que “perguntas clivadas e pseudoclivadas induzem respostas diferentes.” (MIOTTO & NEGRÃO, 2007, p. 168). É possível observar essa proposta em (49) e (50): as perguntas clivadas (49a) “têm a expressão *Qu-* deslocada e induzem uma resposta especificacional” (MIOTTO & NEGRÃO, 2007, p. 168), já as perguntas pseudoclivadas (50a) “têm a expressão *Qu- in situ* e induzem uma resposta predicacional” (MIOTTO & NEGRÃO, 2007, p. 167).

- (49) a. - O que é que a Maria é?
b. – Escandalosa. * Escandaloso.

²² As sentenças de (48) a (50) e suas análises foram extraídas de Miotto & Negrão (2007).

- (50) a. - O que a Maria é é o que?
b. *– Escandalosa. Escandaloso.

Apesar desse debate, de acordo com Mioto *et alii* (2007), a clivagem constitui um recurso sintático seguro para se identificar quais palavras numa sequência formam um constituinte. Ao mover/clivar, por exemplo, o constituinte inteiro da sentença declarativa de (51) para a posição que fica entre o verbo “ser” e “o que”, é possível construir uma sentença bem estruturada como a clivada (52), permitindo concluir que [o incêndio do prédio da esquina] é um constituinte maior.

- (51) Ele viu [o incêndio do prédio da esquina].²³

- (52) Foi **o incêndio do prédio da esquina** que ele viu.

De acordo com esses autores, a clivagem também permite identificar outras estruturas possíveis dentro de um constituinte maior: as clivadas em (53), por exemplo, revelam que o constituinte [o incêndio do prédio da esquina] (52), da discussão anterior, pode ter outras estruturas, outros constituintes menores: [o incêndio do prédio] (53a), [da esquina] (53b), [o incêndio] (53c) e [do prédio] (53d).

- (53) a. Foi **o incêndio do prédio** que ele viu da esquina.²⁴
b. Foi **da esquina** que ele viu o incêndio do prédio.
c. Foi **o incêndio** que ele viu do prédio da esquina.
d. Foi **do prédio** da esquina que ele viu o incêndio.

A impossibilidade de se clivar supostos constituintes menores, a partir de um constituinte macro de uma determinada sentença declarativa como em (54), revela que essa sentença possui um único constituinte (um constituinte macro) e apenas uma estrutura, como ocorre nas orações em (55), nas quais a tentativa de se clivar supostos constituintes gera sentenças agramaticais. O único constituinte é, neste caso, [o tampo de mármore da mesa da tia]:

²³ As sentenças de (51) a (56) e suas análises foram extraídas de Mioto *et alii* (2007).

²⁴ Os grifos de (52), (53) e (55) são dos autores.

(54) Ele quebrou [o tampo de mármore da mesa da tia].

- (55) a. Foi **o tampo de mármore da mesa da tia** que ele quebrou.
b. *Foi **o tampo** que ele quebrou de mármore da mesa da tia.
c. *Foi **o tampo de mármore** que ele quebrou da mesa da tia.
d. *Foi **o tampo de mármore da mesa** que ele quebrou da tia.

De acordo com o Manual de Sintaxe de Miotto *et alii* (2007), é possível depreender que a clivagem também pode ser usada na identificação de um sc (*small clause*, “pequena cláusula”).

“Uma SC é a predicação que se realiza sem verbo, diferentemente das predicações que se realizam por meio de um verbo.” (MIOTTO *et alii*, 2007, p. 77).

Assim, ao clivar uma sentença declarativa como (56a), haverá dois possíveis resultados para este caso: uma *small clause*, quando o adjetivo funcionar como predicativo (56b) que não pertence a um DP; ou uma sentença cujo adjetivo funciona como adjunto de um NP pertencente a um DP (56c), situação que não constitui uma *small clause*.

- (56) a. João considera Maria inteligente.
b. É Maria que João considera inteligente.
c. *É_{DP} [_{NP} Maria inteligente] que João considera.

Percebe-se, assim, que o adjetivo “inteligente” (56a) é um predicativo, dessa forma, é possível clivar “Maria”, mas não “Maria inteligente”, o que indica que o adjetivo não pertence ao DP e a sentença é uma *small clause*. Com base nessa análise de Miotto *et alii* (2007), constata-se, assim, que a clivagem é útil para se identificar também a função sintática de um constituinte. Através dos exemplos acima, foi possível confirmar que o adjetivo funcionou como predicativo do objeto e não como adjunto adnominal.

Já a clivada em (58a), gerada a partir da sentença (57), revela que “culpada”, é um adjetivo funcionando como adjunto adnominal do NP “ré” que faz parte do DP “a ré

culpada”; por outro lado, a possibilidade de se clivar apenas “a ré” (58b) mostra que o adjetivo “culpada” é um predicativo.

(57) O juiz julgou a ré culpada.²⁵

(58) a. Foi a ré culpada que o juiz julgou.

b. Foi a ré que o juiz julgou culpada.

Percebe-se, assim, que nas sentenças (57) e (58) o adjetivo “culpada” apresentou as duas funções sintáticas, comprovando que a clivada possibilita identificar qual ou quais as funções sintáticas que o constituinte pode desempenhar.

2.5. *Clivadas X Relativas*

Diante de uma clivada, muitos podem confundi-la com uma sentença relativa, devido à “aparência” das duas. Conforme argumenta Miotto & Negrão (2007), o CP das clivadas é considerado pelos gerativistas como do tipo relativo, porém esses autores se opõem a tal concepção e apresentam argumentos sintáticos, semânticos e prosódicos para corroborar sua tese de que clivadas e relativas são estruturas distintas. Eles ressaltam que as pseudoclivadas não estão inclusas nessa discussão, pois, pela análise de Bresnan & Grimshaw (1978), o CP dessas orações é considerado um tipo de relativa, porque elas constituem relativas livres.

Segundo Miotto & Negrão (2007), uma sentença relativa é aquela que possui um “CP encaixado” (subordinado a uma sentença matriz) e um constituinte chamado “pivô” (geralmente um sintagma nominal), que desempenha relações semânticas tanto com a sentença matriz quanto com a relativa, mas a função sintática e os papéis temáticos do constituinte pivô em relação a cada uma dessas sentenças são distintos. Os pivôs das sentenças relativas de (59a) e (59b), por exemplo, são, respectivamente, “os alunos” e “o leite”, pois eles se relacionam com a matriz e com relativa. Em (59a), em relação à sentença matriz, “os alunos” é complemento da preposição “com” “de quem recebe o

²⁵ As sentenças (57) e (58) e suas análises foram retiradas de Miotto *et alii* (2007).

papel temático de companhia” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 160) pela sentença matriz, e é também sujeito da relativa “que foram reprovados”.

- (59) a. Ela se reuniu com os alunos [que foram reprovados].²⁶
b. Ela tomou o leite [que estava no copo].

Já a relativa livre, de acordo com Mioto & Negrão (2007), não apresenta pivô externo e é introduzida por uma expressão Qu-. Esses autores acrescentam que há uma discussão sobre se a pergunta Qu- é pivô interno ou externo à relativa, pois conforme argumentam Bresnan e Grimshaw (1978), essa expressão atua como pivô externo da sentença relativa. Apesar de não haver concordância quanto ao tipo de pivô, para todos esses autores, a expressão Qu- “é um constituinte semanticamente partilhado pela matriz e pela relativa” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 165). A sentença (60) é um exemplo de relativa livre na qual o pivô “quem” se relaciona tanto com a matriz, por constituir complemento do verbo “procurar”, tanto com a relativa, por satisfazer às exigências do verbo “ajudar” denotando quem ajuda.

- (60) O aluno procura quem possa ajudá-lo com o trabalho.

Em relação aos argumentos sintáticos apresentados por Mioto & Negrão (2007) em favor da tese de que o CP das clivadas não é do tipo relativo, pode-se destacar que o pivô da relativa apresenta algumas restrições de natureza categorial, ou seja, não podem funcionar como pivô categorias sintáticas como adjetivos, advérbios e verbos, mas eles podem ser clivados. Constata-se, assim, que, de acordo com essa proposta de Mioto & Negrão (2007), o CP das sentenças clivadas como em (61) não pode ser relativo, já que em o que está sendo clivado são, respectivamente, um adjetivo: “escandalosa”, um advérbio: “calmamente” e um verbo: “viajar”.

- (61) a. É escandalosa que ela é.
b. Foi calmamente que ele partiu.
c. É viajar que ele quer.

²⁶ As sentenças de (59) a (61) e suas análises foram retiradas de Mioto & Negrão (2007).

Além disso, esses autores destacam o fato de o pivô e o foco das clivadas apresentarem propriedades distintas: o pivô das relativas, por exemplo, não pode ser movido para a esquerda deixando, na expressão de Mioto & Negrão (2007, p. 17), “o CP órfão” de seu pivô “o que”, já ao foco das clivadas esse movimento é permitido. Em (62), para que o CP “que o menino comeu” seja relativo, pela análise de Bresnan e Grimshaw (1978), o constituinte “o bolo” deve ser o pivô externo. Porém, não é um comportamento usual do pivô se deslocar da posição que ocupa anterior à relativa, como ocorreu com esse constituinte. Nesse caso, conforme ressaltam Mioto & Negrão (2007), se o CP encaixado fosse relativo ele não poderia ficar sozinho na sentença devido ao deslocamento do pivô.

(62) Foi o bolo [cp que o menino comeu].²⁷

Para a pseudoclivada,²⁸ entretanto, Mioto & Negrão (2007) argumentam não haver restrições para esse deslocamento. A pseudoclivada é uma construção que oscila entre uma clivada e uma relativa. Como possui um pivô visível, a expressão *Qu-*, o constituinte focalizado apresenta certa “independência” dentro da sentença, o que o permite se deslocar para periferia esquerda. Portanto, a pseudoclivada é uma sentença que apresenta uma estrutura semelhante tanto à relativa, pois é um tipo de relativa (uma relativa livre), quanto à clivada, já que possui um constituinte focalizado (clivado). A sentença (64) constitui um exemplo de pseudoclivada tornando clara a possibilidade de movimento do constituinte “o bolo”, da posição original de (63), sem deixar o CP separado de seu pivô “o que”.

(63) O menino comeu o bolo.

(64) Foi o bolo [cp o que menino comeu].

Outro argumento sintático baseado na análise de Kato (1993) e apresentado por Mioto & Negrão (2007) em defesa de o CP clivado não ser do tipo relativo diz respeito à forma como o pivô ou o foco podem ser retomados. Mioto & Negrão (2007) argumentam que, conforme defendido por Rizzi (1997), o constituinte clivado pode ser retomado apenas por uma *ec* (*empty category*, “categoria vazia”); já o pivô da relativa, de acordo com a proposta de Tarallo (1983), quando é “realizado externamente como

²⁷ As sentenças de (62) a (67) e suas respectivas análises foram extraídas de Mioto & Negrão (2007).

²⁸ Essa análise da pseudoclivada foi baseada em Mioto & Negrão (2007).

um DP, pode ser retomado por um pronome resumptivo” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 177). Em (65), a categoria vazia retoma compreensivelmente o constituinte clivado “o aluno”, mas em (66) a tentativa de se retomar esse constituinte por meio de um pronome resumptivo “para ele” torna a sentença agramatical, o que não ocorre em (67) quando esse constituinte é o pivô da relativa: “ele” é retomado sem problemas pelo resumptivo.

(65) Foi para o aluno que o João acha [que o professor entregou o livro *ec*].

(66) *Foi (para) o aluno que você entregou o livro para ele.

(67) [_{DP} O aluno] que você entregou o livro [para ele] não veio hoje.

Ainda remetendo a questões sintáticas, na defesa de que o CP da clivada não é do tipo relativo, Mioto & Negrão (2007) apresentam também a análise de Lopes Rossi (1994) que se baseia na concepção de *small clause* (SC) postulada por Kato (1993). Segunda essa análise, na *small clause* o foco é o sujeito e o CP é o predicado cujo Spec pode ser um NP nulo (68a), um NP lexical (68b) ou uma expressão Qu- (68c), sempre seguidos de uma relativa. De acordo com Mioto & Negrão (2007), essa proposta contém pontos plausíveis na defesa de que o CP das clivadas é relativo, mas ressaltam que ainda há problemas.

(68) a. Foi [_{SC} [o bolo] [_{NP} Ø [_{CP} que o menino comeu]]].

b. Foi [_{SC} [o bolo] [_{NP} a coisa [_{CP} que o menino comeu]]].

c. Foi [_{SC} [o bolo] [_{CP} o que o menino comeu]]].

Essa análise, assim como destacado anteriormente por Mioto & Negrão (2007), também permite explicar a possibilidade de deslocamento do constituinte clivado “o bolo”, deixando a relativa sozinha, já que o pivô dessa sentença é dissociado do constituinte clivado, contornando o problema de o pivô da relativa ser considerado o foco. Os problemas reportados por esses autores são: o fato de o foco “o bolo” ser sujeito e não o predicado da *small clause*; a possibilidade do sujeito da SC ser um adjetivo, categoria que não ocorre como sujeito, como em (69); e o fato dessa análise não explicar porque uma relativa como (70b) não pode ter o t (*trace*, “vestígio”)

substituído por um pronome resumptivo “ele”, como mostra a agramaticalidade dessa sentença.

- (69) É escandalosa que a Maria é.
É [sc [escandalosa] [NP Ø [CP que a Maria é t_{que}]]].

- (70) a. – Quem foi que o professor reprovou?²⁹
b. - *Foi [sc [o aluno] [NP Ø [CP que o professor reprovou ele]]].

Mioto & Negrão (2007) argumentam que, de acordo com Âmbar (2004), a obrigatoriedade de haver identidade de tempo entre os dois verbos da sentença, a cópula verbo “ser” e o verbo do CP encaixado constituiu outro fator que marca a distinção entre esses dois tipos de sentenças. Logo, de acordo com essa análise, (71), por exemplo, não pode ser uma clivada, porque a cópula “foi” está no passado e o verbo do CP encaixado “é” está no presente, nesse caso, o CP encaixado “que sempre é reprovado” deve ser relativo.

- (71) Foi o aluno que sempre é reprovado.

- (72) É o aluno que sempre é reprovado.³⁰

Em relação aos argumentos semânticos apresentados por Mioto & Negrão (2007) em favor da tese de que o CP das clivadas não é do tipo relativo, destaca-se o fato de o constituinte clivado, sendo um foco de identificação exaustiva, possuir a propriedade de ter escopo, isto é “de elicitar diferentes interpretações quando interagindo com operadores e sintagmas quantificados.” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 181). Pela análise desses autores, em (73a), “Maria” (foco de identificação exaustiva) “foi a única garota dentre todas as outras da festa com quem todos os convidados quiseram dança”. (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 181). Neste caso, pode-se afirmar que “a identificação exaustiva teve escopo sobre o quantificador universal” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 181), todos. Já na sentença (73b), “todo convidado da festa quis dançar com uma única garota, a Maria”. (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 181). NesSe

²⁹ As sentenças de (68) a (73) e as respectivas análises foram extraídas de Mioto & Negrão (2007).

³⁰ Por essas análises de Mioto & Negrão (2007), (72), mas não (71) é uma clivada.

caso, ocorreu o inverso: a identificação exaustiva “Maria” teve escopo sobre o quantificador universal (todos).

- (73) a. Foi com a Maria que todo convidado da festa de formatura quis dançar.
b. Todo convidado da festa de formatura quis dançar com a Maria.

Entretanto, diferentemente do constituinte clivado, quando o pivô da relativa expresso por um sintagma nominal interage com esses operadores ou sintagmas quantificados, “o próprio pivô deve ser um sintagma quantificado” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 181). Nas sentenças relativas de (74) onde o sintagma quantificado “a menina” é o pivô, somente a interpretação de (74b) é possível.

- (74) a. Eu conheço a menina com quem todo convidado da festa de formatura quis dançar.³¹
b. Todo convidado da festa de formatura quis dançar com a menina que eu conheço.

Outro aspecto semântico destacado ainda por Miotto & Negrão (2007) que contribui para corroborar sua tese de que o CP de uma clivada não é relativo é que nas clivadas há dependência entre o papel temático desempenhado pelo constituinte clivado e a categoria vazia (*ec*) o que não acontece com as relativas (conforme comentado anteriormente). A agramaticalidade de (75) é justificada pelo fato de o constituinte clivado “na casa” ser um PP (*preposition phrase*, “sintagma preposicional”) e a *ec* “a casa” ser um DP (*determined phrase*, “sintagma determinante”), ou seja, por seus papéis temáticos serem distintos.

- (75) *Foi na casa que eu construí *ec*.

Miotto & Negrão (2007) apresentam como argumentos prosódicos para defender que o CP das clivadas difere do CP das relativas, o fato de que, no caso de uma clivada, o próprio constituinte clivado recebe o pico acentual, mas na relativa não é o pivô quem o recebe, o que mostra, portanto, que as duas sentenças não apresentam a mesma estrutura sintática. Dessa forma, de acordo com a análise desses autores, como resposta

³¹ As sentenças (74), (76), (77) e (78) e suas análises foram extraídas de Miotto & Negrão (2007).

à pergunta de (77), em (76), que é uma clivada, pois o constituinte o aluno é foco (fornece nova informação na sentença), “o valor de *pitch* mais proeminente se localizou na última sílaba tônica do constituinte clivado [-lu] de aluno” (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 174).

(76) Foi o aluno que foi reprovado.³²

(77) Quem foi que foi reprovado?

(78) Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

Já como resposta a (78), (76) que não é uma clivada, pois “o aluno” não é foco da sentença (não é informação nova), “o valor de *pitch* mais proeminente ocorreu na sílaba que porta o acento nuclear da sentença, ou seja, sobre o [-va] de “reprovado”. (MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 174).

³² A sentença (75) e as respectivas análises foram extraídas de Mioto & Negrão (2007) e Mioto (2003).

3. Análise do Fenômeno na Gramática Tradicional

As gramáticas tradicionais apresentam um caráter bastante deficitário no que concerne ao tratamento de vários temas inerentes à Língua Portuguesa. Por tal razão, intenciona-se neste capítulo apresentar os resultados da pesquisa realizada nessas gramáticas sobre a forma com que elas abordam as estruturas clivadas.

Em “A Nova Gramática do Português Contemporâneo” de Cunha & Cintra (2007), é possível encontrar as “clivadas”, mas não sendo abordadas sob esse rótulo e recebendo o devido detalhamento, elas aparecem sorrateiramente no espaço destinado a tratar a concordância verbal. Uma das situações é quando a oração tem como sujeito o pronome relativo “que” e cujo verbo concorda com o antecedente desse pronome, como mostram os exemplos abaixo:

Fui **eu que** lhe **pedi** que não viesse.³³

(J.Montello, *DP*, 245.)

Sou **eu que** lhe **peço**.

(Castro Soromenho, *TM*, 244.)

És **tu que** vais acompanhá-lo.

(Alves Redol, *BC*, 343.)

Não és **tu que** me **dás** felicidade.

(M. de Andrade, *PC*, 253.)

Foram **eles que criaram** o Brasil, **que o tornaram** independente, **que** deram maior brilho ao nosso passado.

(G. Amado, *TL*, 193.)

Ainda nessa sessão relativa à concordância verbal, as clivadas são utilizadas para exemplificar os casos em que o “que” é considerado sujeito da oração, mas agora com o

³³ As sentenças aqui apresentadas foram extraídas de Cunha & Cintra (2007).

verbo concordando com o antecedente desse sujeito que é um pronome demonstrativo (o, os, a, as), como mostra a pseudoclivada abaixo obtida da gramática em questão:

Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além-mundo.³⁴

(R. Barbosa, *EDS*, 680.)

Essa apresentação da concordância verbal pelos autores contribui para atestar que as clivadas são estruturas realmente presentes na língua, mas que ainda não adquiriram um “espaço” reservado nas gramáticas para tratá-las em suas especificidades. Elas são citadas diversas vezes para referenciar ou exemplificar um determinado assunto, mas são ignoradas quanto ao que elas são. Além disso, causa grande estranheza a não “percepção” das clivadas pela GT’s, mesmo diante da propriedade que elas têm de concordância entre a cópula e o verbo do CP encaixado e por elas serem utilizadas para exemplificar um assunto com o qual estão relacionadas.

Além das clivadas canônicas, Cunha & Cintra (2007) utilizam também pseudoclivadas, não sob esse rótulo, mas apenas como exemplos ainda para tratar casos de concordância verbal. São duas as situações em que as clivadas aparecem: quando “o pronome relativo “quem” “constrói-se, de regra, com o verbo na 3ª pessoa do singular” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 503) e quando “o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior.” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 503). A sentença (M. Mendes, *P*, 181.) apresentada abaixo pelos autores constitui exemplo do primeiro caso e a segunda situação de concordância apresentada por Cunha & Cintra (2007) é ilustrada através das sentenças de Fernando Pessoa e Jorge Amado, todas são pseudoclivadas invertidas com foco pós-cópula:

És **tu quem murmura** nas águas,
(M. Mendes, *P*, 181.)

Não sou **eu quem descrevo**.
(F. Pessoa, *OP*, 55.)

³⁴ As sentenças aqui apresentadas foram extraídas de Cunha & Cintra (2007).

Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.

(J. Amado, GCC, 249.)

Cunha & Cintra (2007) argumentam que esse segundo caso de concordância (que envolve as pseudoclivadas) constitui “a construção preferida pela linguagem popular” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 503). Isso mostra que as GT’s suspeitam da “existência” de uma estrutura produtiva na língua com características perceptíveis, o que revela que elas possuem intuições, suspeitas, coerentes, mas que devido a razões ainda em discussão, deixam de abordar temas importantes ou o fazem de maneira inadequada ou insuficiente, como é o caso das clivadas.

Um pouco mais adiante, na situação de concordância com o verbo “ser”, esses autores parecem “constatar” que determinadas estruturas sintáticas possuem uma função singular de realçar constituintes, que, não verdade, trata-se da propriedade de focalização inerente às clivadas, mas eles identificam como portadora de tal “característica” somente as que são clivadas invertidas e descrevem as estruturas como uma construção fixa na qual se encontra a locução ou expressão de realce **é que** a qual é invariável e é situada entre o sujeito e da oração e o verbo a que ele se refere.

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

Cunha & Cintra (2007) acrescentam que tais estruturas (clivadas invertidas) não devem ser confundidas com outra semelhante que, na verdade, são clivadas canônicas e assim eles argumentam sobre essa diferença, apresentando em seguida os exemplos:

“É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo ser antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 508.)

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.³⁵

Foi José que **trabalhou**, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

³⁵ As sentenças aqui apresentadas foram extraídas de Cunha & Cintra (2007).

Por fim, Cunha & Cintra acrescentam que a estrutura não deve ser confundida “com o encontro da forma verbal **é** com a conjunção integrante **que** (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 509), como nos contextos abaixo”:

Bom **é que** não haja mais discussões.³⁶

O certo **é que** ele não voltará.

É bom **que** não haja mais discussões.

Que ele não voltará é o certo.

Essa abordagem da expressão de realce possibilita pelos menos três conclusões: a GT's sabem da existência de uma estrutura na língua que tem a propriedade de destacar constituintes, elas têm ciência de que há outras classificações para essa estrutura e sabem que as características a ela inerentes permitem evitar confundi-la com outras estruturas semelhantes. Ou seja, imperceptivelmente, os autores abordaram, inicialmente, a clivada invertida, depois a compararam com uma clivada canônica e, por fim, deixaram claro que tais estruturas, no caso as clivadas, são sentenças com especificidades que, apesar da mera semelhança estrutural, diferem das orações subordinadas substantivas predicativas e subjetivas, pois há nas clivadas a propriedade de focalização, isto é, elas não só emitem uma informação, como é o caso dessas outras orações, como também a apresentam de forma enfática.

Faraco & Moura (1998) também não apresentam nenhuma abordagem sobre o tema especificamente, porém eles utilizam exemplos de clivadas invertida na parte de estilística em dois momentos, o primeiro que trata os recursos de caracterização e assim os apresenta:

“(...) A estilística considera que, além do adjetivo, há outros recursos caracterizadores.
Vejam os alguns:

A entonação + o contexto:
Isso é que é um filme!”(FARACO e MOURA, 1998, p. 254, grifo nosso).

³⁶ Sentenças extraídas de Cunha & Cintra (2007).

Os autores ainda acrescentam: “a entonação e o contexto determinarão o ponto de vista efetivo do falante!” (FARACO & MOURA, 1998, p. 254). Constatase, dessa forma, que a entonação a que os autores se referem relaciona-se com a função enfática das clivadas, ou seja, com a propriedade delas focalizarem constituintes, mas tal associação não foi percebida por eles. O segundo momento em que esses autores usam as clivadas na parte de estilística é ao tratarem os mecanismos para enfatizar os pronomes interrogativos e constatarem-nas, assim como Cunha & Cintra (2007), através da expressão “é que”, mas aí esta não é conceituada como expressão de realce, e é descrita da seguinte forma: “Todos os pronomes interrogativos podem ser enfatizados pela expressão **é que**.” (FARACO & MOURA, 1998, p. 254, grifo nosso):

“Quem *é que* você está chamando? Pergunta a mãe lá na cozinha.
(Clarice Linspector).

Quanto *é que* o senhor dá pelo coleiro? (Rubem Braga)” (FARACO & MOURA, 1998, p. 313)

Evanildo Bechara (2009) também não trata as clivadas diretamente, mas em sua “Moderna Gramática Portuguesa”, é na sessão dedicada ao emprego dos pronomes que elas aparecem para exemplificar a situação em que o uso do pronome sujeito é vinculado à idéia de ênfase, como argumenta o autor exemplificando sua explicação com o uso de uma clivada invertida:

“O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais”. (BECHARA, 2009, p. 174).

“*Eu é que* furo o pano, vou adiante, puxando por você [...]” [MA.1, 230].

Assim como Cunha & Cintra (2007) e Faraco & Moura, Bechara (2009) também conceitua como expressão de realce os constituintes “é que”, afirmando que essa expressão tem valor reforçativo de qualquer termo da oração e ocorre geralmente com o verbo “ser” invariável em número. Essa abordagem revela que o autor, ao informar que a expressão “é que” pode reforçar qualquer termo oracional, constata e descreve outra propriedade das clivadas, mesmo sem citá-las diretamente, propriedade essa apresentada por Miotto & Negrão (2007) de ser possível clivar variados tipos de constituintes como adjetivos, advérbios e verbos. Assim, Bechara (2009) apresenta as seguintes clivadas invertidas, para abordar a expressão de realce:

*Nós é que somos brasileiros. / Nós somos brasileiros.*³⁷

Esses livros é que não compraremos agora.

Vale comentar que Bechara (2009), apesar de inicialmente informar que a expressão “é que” geralmente ocorre com o verbo “ser” invariável em número, ao se deparar com sentenças muito semelhantes, mas cujo verbo “ser” aparece flexionado, parece suspeitar de que há “outras estruturas”, outros tipos de clivadas, com a mesma “função” e, assim, ele justifica que quando o verbo “ser” aparece afastado do “que” ele pode concordar com o termo no plural, ou seja, ele pode variar. Assim, Bechara (2009) apresenta lado a lado, respectivamente, exemplos de clivadas canônicas e clivadas invertidas:

São de homens assim que depende o futuro da pátria. / De homens assim é que depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros que estavam as respostas. / Nesses livros foi que estavam as respostas.

Por fim, as clivadas aparecem na abordagem que o autor dá à concordância com os pronomes relativos, o que parece coerente já que, de acordo com a literatura gerativista, o “que” é considerado pronome relativo. Nessa situação, Bechara (2009) trata parte da estrutura das clivadas como sendo expressões do tipo “sou eu que”, “és tu que”, “foste tu que”, como mostram as sentenças abaixo apresentadas. É importante ressaltar que as pseudoclivadas também aparecem nessa sessão na situação de concordância verbal que envolve a presença do pronome “quem”, como mostrado abaixo nas sentenças marcadas como “pseudoclivadas”:

“Não fui eu que o assassinei” [AH apud SA.5, II, 75]. “Fostes tu que me buscaste”. [AH apud SA.5, II, 75].

³⁷ As sentenças aqui apresentadas foram extraídas de Bechara (2009).

“Eram as paixões, os vícios os afetos personalizados *quem* fazia o serviço dos seus poemas” [AH apud SA.5, II, 75]. (pseudoclivada)

“*És tu quem me dás rumor à quieta noite (...)*” [GD apud AS.5,77]. (pseudoclivada)³⁸

Na Gramática da Língua Portuguesa de Roberto Melo Mesquita (2004), apesar de o autor em nenhum momento utilizar o termo “clivada” e não reconhecê-la como um tipo especial de estrutura sintática (assim como todos os autores aqui apresentados), tal construção aparece em duas situações: na sessão que trata as classes morfológicas da palavra “que”, como partícula expletiva ou de realce e na abordagem da concordância verbal. No primeiro caso, de acordo com o autor, esse emprego do “que” é utilizado para transmitir realce ou ênfase, como exemplificado, respectivamente, por uma sentença interrogativa e por uma oração declarativa extraída dos exercícios que se questiona em qual alternativa o “que” ocorre como função expletiva ou de realce:

“Então, qual **que** é a verdade?” (Luiz Vilela) = Então qual é a verdade?

“Nós / **é que** vamos empurrando, dia a dia, sua cadeira de rodas.” (Mack-SP)

A segunda situação em que as clivadas aparecem é na sessão referente à concordância verbal, quando o sujeito é o pronome “quem” ou quando é o pronome “que”:

Sou eu **quem fala** agora.

Sou **eu** quem **falo** agora.

Somos nós **quem deverá** tomar as providências.

Somos **nós** quem **deveremos** tomar as providências.

Fostes **vós** que o **elegestes**?

Foram os **bandeirantes** que **tiveram** a glória de alargar as fronteiras do Brasil.

³⁸ O termo “pseudoclivada” entre parênteses foi acrescentado às sentenças acima para tornar a explicação mais clara.

Verifica-se, portanto, que as gramáticas tradicionais, apesar de em nenhum momento utilizarem o termo “clivada”, lidam bastante com essas estruturas (mesmo sendo para abordar outros temas, como é o caso da concordância verbal), percebem as propriedades a elas inerentes (propriedade de enfatizar diversos tipos de constituintes), tratam parte de sua estrutura (como é o caso da expressão *é que*), mas não as aborda como uma construção completa em todas as suas especificidades e não as reconhece como um tipo especial de estrutura sintática.

4. Apresentação e Análise de Dados

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa realizada na “Revista Veja”, pelo site: www.veja.com.br, através da qual foi possível obter vários dados relativos às estruturas clivadas no português. Tais dados foram organizados de acordo com a classificação das mesmas:

1º Grupo - Clivadas Canônicas:

“É **a lei que** sai perdendo.” (Revista Veja, Edição Setembro_2011).³⁹

“Foi **aí que** entrou o engenheiro agrônomo gaúcho Umberto Almeida Camargo.” (Revista Veja, Edição Março_2010).

“É **valor que** põe o país em uma honrosa 11ª posição mundial.” (Revista Veja, Edição Março_2010).

“Mas **é em Brasília**, na mais absoluta clandestinidade outra vez, **que** ele continua a exercer o seu principal talento.” (Revista Veja, Edição Julho_2011) (adjunto adverbial de lugar).

“É **nessas conversas que** o bandido recebe recados dos comparsas do lado de fora.” (Revista Veja, Edição Fevereiro_2011).

“Pois é exatamente **nas dificuldades econômicas** resultantes dos baixos vencimentos e **na consciência** de um crescente desprestígio e desgaste dos militares junto à opinião pública **que** residem basicamente, as raízes da chamada crise militar.” (Revista Veja, Edição Novembro_1968).

“É **nesse clima que** se move outro animal do mesmo tipo, Jorge Serpa.” (Revista Veja, Edição Janeiro_1995).

³⁹ Os grifos de todas as sentenças coletadas da “Revista Veja” foram inseridos para enfatizar o constituinte focalizado e o elemento “que”.

“Foi **nesse cargo** que, pela primeira vez, ele discordou abertamente de Salazar.” (Revista Veja, Edição Outubro_1968).

“Foi **o próprio Sarney quem** autorizou essa medida.” (Revista Veja, Edição Janeiro_1990).

“E é **isso que** nós nunca poderemos ter.” (Revista Veja, Edição Novembro_1968)..” (Revista Veja, Edição Setembro_1968).

“Mas foi **na política externa que** o país deu seus passos mais ousados de independência.” (Revista Veja, Edição Setembro_1968)

“É **por causa dessa tradição que**, há sete meses, o físico Fan Lizhi, (...) está refugiado na embaixada americana (...).” (Revista Veja, Edição Janeiro_1990).

“É **precisamente no colapso dessas ditaduras que** Bush (...) joga o destino de sua presidência.” (Revista Veja, Edição Janeiro_1990)

“Foi **na condição de dissidente ilustre e recém-nascido da prisão que** Havel despontou em Novembro de 1989.” (Revista Veja, Edição Janeiro_1990)

“Foi **na qualidade** de presidente da Câmara **que**, em Outubro de 1966, ele aparecia como centro de uma crise política.” (Revista Veja, Edição Setembro_1968).

Os dados acima comprovam a hipótese de que as clivadas são estruturas bastante produtivas e utilizadas na Língua Portuguesa escrita. É possível constatar ainda que o maior número de ocorrências foi de clivadas canônicas o que corrobora o motivo de os estudiosos utilizarem o termo “canônica” para descrever esse tipo de estrutura. Nesse grupo, os constituintes focalizados, desempenham, em sua maioria, a função de adjunto adverbial.

2º Grupo - Clivadas Invertidas:

“A contradição fundamental da rede de televisão **é que** foi criada e financiada por um rei do Golfo Pérsico.” (Revista Veja, Edição Fevereiro_2011).

“[...] como **é que** agora o mesmo Congresso vem dizer que a punição é pesada demais?” (Revista Veja, Edição Outubro_1968).

Como se vê, nesse segundo grupo, constam dados relativos às clivadas invertidas cuja abordagem dada pelas gramáticas tradicionais contempla apenas parte da estrutura dessas sentenças: a expressão ou locução realce **é que**.

3º Grupo - Pseudoclivada:

“**O que** matou o jogador carioca Jorge Luiz (21 anos), sepultado na semana passada no Rio, foi **o diabete**. (Revista Veja, Edição Outubro_1968).

Foi obtido apenas um dado relativo à pseudoclivada, o que não é suficiente para supor que o uso desse tipo de clivada é reduzido na língua, em virtude de a pesquisa ter sido realizada com dados coletados aleatoriamente. Entretanto, a coleta desse dado possibilita concluir que essa estrutura também está presente na língua escrita.

4º Grupo - Pseudoclivadas Invertidas:

“Foi **Marcelo Caetano quem** levantou em 1950 quase um escândalo público em Portugal..” (Revista Veja, Edição Outubro_1968).

“Foi **ele quem** forneceu uma solução sucedânea.” (Revista Veja, Edição Setembro_1968).

“**É isso o que** todo mundo procura.” (Revista Veja, Edição Setembro_1968)

“(...) **que é o que** se espera.” (Revista Veja, Edição Fevereiro_2011).

Depois das clivadas canônicas, o maior número de dados coletados foi de pseudoclivadas invertidas revelando que o debate entre os autores gerativistas sobre a pertinência de se incluir as pseudoclivadas no grupo das clivadas ordinárias ou canônicas é relevante, dada a frequência com que esse tipo de sentença também ocorre no português.

Os dados mostram também que a preferência pelo uso das clivadas em determinadas situações constitui um importante recurso lingüístico utilizado pelo meio jornalístico para “direcionar” a atenção do leitor para determinada informação que se deseja focalizar. Além disso, a clivada, associada a certos constituintes, possibilita a transmissão de outros conteúdos semânticos a depender da intenção de quem está escrevendo. Por exemplo, na clivada canônica: “Foi o próprio Sarney quem autorizou essa medida.” a informação poderia ter sido dita simplesmente como: “Sarney autorizou essa medida.”, mas além da intenção de se enfatizar que o presidente foi a pessoa quem autorizou a medida, (para isso o uso da clivada), a presença do adjunto adnominal “próprio”, associado ao constituinte focalizado “Sarney”, acrescentou um teor de ironia e crítica à atitude do presidente.

5. Conclusão

Este trabalho expôs as diversas análises e propostas desenvolvidas pelos autores gerativistas sobre as estruturas clivadas, assim como as suas semelhanças e diferenças em relação a outras sentenças.

Devido à importância das clivadas no Português, foi realizado estudo e pesquisa sobre a abordagem do tema nas gramáticas tradicionais (GT's) o que permitiu concluir que essas estruturas não são devidamente tratadas em suas especificidades, mas são usadas para apresentar outros assuntos.

Por fim, foram apresentados os dados coletados da “Revista Veja” que corroboraram a idéia de que as clivadas são sentenças muito presentes não só na Língua Portuguesa escrita quanto na falada e que, por tal razão, deveriam ser melhor abordadas pelo ensino.

6. Referências Bibliográficas

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University, 1998.

MIOTO, Carlos. **Focalização e Quantificação**. In: Revista Letras. Curitiba: Ed.UFPR, 2003.

GUESSER, Simone. **Redução e concordância em sentenças clivadas do Português Brasileiro**. Disponível em:

<www.4shared.com/document/AwTuSOae/Guesser_S_Reducacao_e_concordanc.html>

Acesso em 28/10/2011.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F.; LOPES, Ruth E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CUNHA, Celso Ferreira & CINTRA, Lindley. **A Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2004.

FARACO, C. E. & MOURA, F. M. **Gramática Escolar**. São Paulo: Ática, 1998.

PERINI, Mário A.. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2007.

MIOTO, C. & NEGRÃO, E. V. “**As sentenças clivadas não contêm uma relativa**”. In: TORRES MORAIS, M. A. C. R.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L.; CASTILHO, A. T. de. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: FAPESP, Campinas: Ponte Editores, 2007, p. 159-183.


LOBATO, Lúcia M.P. “**Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria de regência e ligação**”. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

REVISTA VEJA. Disponível em:

< veja.abril.com.br/acervodigital >

Acesso em 03/10/2011.

Anexos



medidas por juízes.

Na semana passada, VEJA teve acesso à íntegra dos processos que correm, em segredo de Justiça, contra Zveiter. Os casos demonstram que, quando ocorre um choque entre o que diz a lei e o que requerem os interesses de Zveiter, **é a lei que sai perdendo**. Há de tudo nos escaninhos do CNJ. Os juízes obtiveram provas, por exemplo,

CABO ELEITORAL
*À frente do TJ do Rio,
Zveiter gravou depoimento
para o irmão deputado*

PAULO ALVADIA/AE

Você está na Edição 2204 - 16 de Fevereiro de 2011

Ao subestimar os riscos, o médico pode colocar a vida do paciente em perigo. Uma cirurgia envolve a correta avaliação do paciente e de seu histórico médico para que os resultados sejam só benéficos – **que é o que se espera**, afinal, de um procedimento desse tipo. Todo médico deve alertar o paciente sobre a analgesia, a internação, a retirada de pontos, o eventual inchaço, as dores e o processo de cicatrização. O paciente, por sua vez, não pode tratar a cirurgia como se fosse um passeio de fim de semana. Omitir do médico o uso de remédios ou substâncias químicas, não informar sobre suas reais condições de saúde ou esconder outros fatores sobre os quais é questionado pode trazer complicações.

- 9 de Fevereiro de 2011

Programa radical

A Al Jazira sofre perseguição do regime em fim de linha — e promove sua própria agenda política

Ameaçar, tentar calar e prender jornalistas da Al Jazira, a rede de televisão que se transformou em importante agente político no Oriente Médio, é a maneira mais garantida de aumentar o seu prestígio. Ditadores e correlatos, no entanto, sempre cometem os mesmos erros. Hosni Mubarak, claro, incidia na mesma tolice. Isso não elimina os seguintes fatos: a Al Jazira, com sua capa de modernidade e independência jornalísticas, tem uma agenda política clara e agressiva; essa agenda é violentamente antiamericana (e, quase desnecessário acrescentar, anti-israelense) e a favor de radicais como o libanês Hezbollah, o palestino Hamas e a Irmandade Muçulmana onde se manifesta e, de maneira enviesada, a Al Qaeda. A cobertura copiosa e expressamente favorável ao movimento popular anti-Mubarak no Egito ganha um significado diferente quando comparada à maneira como a Al Jazira se comportou em relação às manifestações contra o regime iraniano: seca, distante e limitadíssima. Ou seja, levantes libertários só ganham destaque se forem contra regimes de que a Al Jazira não gosta.

A contradição fundamental da rede de televisão é que foi

criada e financiada por um rei do Golfo Pérsico, o tipo de governante autoritário que deveria odiar. Hamad Bin Khalifa al-Thani, o emir do Catar, joga ardilosamente em vários campos. Imprime um ar de tolerância e abertura a seu regime, tarefas em que a bela e elegante mulher número 2, Mozah, tem um papel importante. Para os Estados Unidos, o minúsculo Catar é vital — nada menos que a 5ª Frota, projeção navegante do poderio americano, tem base lá. Ao mesmo tempo, Al-Thani cultiva antigos laços tribais com a Irmandade Muçulmana e banca a Al Jazira com o próprio, e imenso, dinheiro. O diretor-geral da rede, Wadah Khanfar, foi membro da Irmandade e chegou a ser preso na Jordânia. Agora é conselheiro do emir. De origem palestina, promove constantes entrevistas com dirigentes do Hamas. O grupo palestino rival, a Fatah, é boicotado. Recentemente, recebeu um golpe através da divulgação bem estudada e editada de mensagens expostas via WikiLeaks, mostrando concessões nas negociações sigilosas com Israel. O tempo dirá se criou o inimigo — e dormir com ele — salvará a cabeça do rei.



9 de Fevereiro de 2011

No pátio, costumam estar doze outros presos. Beira-Mar fala com alguns, sempre com uma das mãos cobrindo a boca. Teme que os agentes que controlam as câmeras de vídeo instaladas no local tentem descobrir o que ele diz por meio dos movimentos labiais. É nessas conversas que o bandido recebe recados dos comparsas do lado de fora e envia a eles novas ordens. A tática é a

9 de Fevereiro de 2011

riores. Pois é exatamente nas dificuldades econômicas resultantes dos baixos vencimentos e na consciência de um crescente desprestígio e desgaste dos militares junto à opinião pública que residem, basicamente, as raízes da chamada crise militar. Para que esta situação não perdure, os militares, através de pronuncia-

13 de Novembro de 1968

culpa. É possível que o enorme leque de relações de Pinto Ramos, um homem que gosta de circular entre os poderosos mas permanece desconhecido fora desse círculo, tenha contribuído para criar um clima de sombra em volta dele. É nesse clima que se move outro animal do mesmo tipo, Jorge Serpa, assessor informal do dono da Globo, Roberto Marinho — que, por sinal, também está entre os conhecidos de Pinto Ramos.

25 de Janeiro de 1995

Lisboa. Foi nesse cargo que, pela primeira vez, ele discordou abertamente de Salazar, ao demitir-se em 1962, porque a polícia havia invadido a Universidade e prendido diversos estudantes. Embora isto não possa ser considerado um fator de desacôrdo grave com o regime do qual participou ativamente, Marcelo Caetano credenciou-se perante

2/10/68

Questões importunas — Foi Marcelo Caetano quem levantou em 1950 quase um escândalo público em Portugal ao falar da hipótese da morte de Salazar. “Por muito que isto nos desagrade”, respondeu aos críticos, “a hipótese é inevitável: Salazar não é imortal.” Mas ele

- 2 de Outubro de 1968

O que matou o jogador carioca Jorge Luis (21 anos), sepultado na semana passada no Rio, foi o diabetes escondido sob a juventude e a vida bem regrada do zagueiro vascaíno. Mas o caminho para a morte abriu-se entre os vapores de uma sauna onde ele procurava perder alguns quilos que lhe sobravam. A de-

- 2 de Outubro de 1968

Um homem de desafio — Foi na qualidade de presidente da Câmara que, em outubro de 1966, ele aparecia como o centro de uma crise política ao desafiar o poder revolucionário: não aceitou

para a
ça naci
por civi
maiores
responde
positiva.

25/9/68

a fazer uma revolução já havia sido de Lénin. Foi ele quem forneceu uma solução sucedânea, mas também fatal, proclamando a revolução dos “revolucionários profissionais”, organizados num partido chamado a substituir a massa sem consciência revolucionária. Esse partido

11 de Setembro de 1968

Na prisão de Doftana — Mas foi na política externa que o país deu seus passos mais ousados de independência, principalmente a partir de 1965, quando Nicolae Ceausescu sucedeu ao falecido Ghergiu-Dej na direção do Partido Comunista romeno. Cedo o disci-

11 de Setembro de 1968

lundo e segurança o que nos procuramos. É isso o que todo mundo procura: velhos, adultos, crianças, homens e mulheres. E é isso que nós nunca poderemos ter. Nunca. Em nenhuma época da vida, em nenhum lugar, com nenhuma pessoa' ”

11 de Setembro de 1968

sada. “Foi o próprio Sarney quem autorizou essa medida, pois precisava dar uma compensação para Ponte, que assumiu o ministério neste final de governo.”

10 de Janeiro de 1990

mun de amanhã. É por causa dessa tradição que, há sete meses, o físico Fang Lizhi, o “Sakharov chinês”, está refugiado na embaixada americana em Pe-

10 de Janeiro de 1990

surreição na Romênia, há três semanas. É precisamente no colapso dessas ditaduras que Bush, com sua natureza negociadora e seus modos amáveis, joga o destino de sua presidência. Para quem gosta de se divertir

10 de Janeiro de 1990

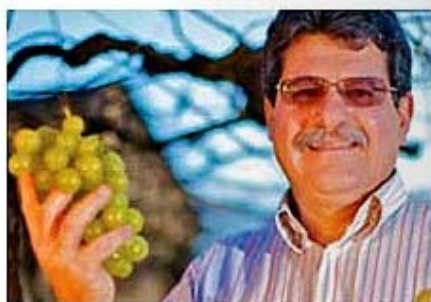
munista. Foi na condição de dissidente ilustre e recém-saído da prisão que Havel despontou em novembro de 1989 como a estre-

10 de Janeiro de 1990

UMBERTO CAMARGO

Clara, Linda e Morena – as uvas sem sementes

A história de Clara, Linda e Morena, uvas sem sementes, começa com um período de escassez na Europa. Em meados da década de 80, o mercado internacional abriu as portas para a produção brasileira. Os negócios não foram longe, contudo, porque as espécies daqui tinham sementes. Preocupados em não perder a oportunidade comercial, os viticultores do Vale do São Francisco pediram auxílio à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Foi aí que entrou o engenheiro agrônomo gaúcho Umberto Almeida Camargo. Em mais de 25 anos de pesquisa, Almeida e sua equipe adaptaram uvas estrangeiras sem sementes ao clima tropical, criaram catorze variedades de uvas para mesa, vinho e suco e, em 2004, entregaram para o mercado nacional e internacional as primeiras frutas sem caroços. Desde então, as exportações só têm crescido. Passaram das irrisórias 820 toneladas em 1984 para 55 mil toneladas em 2009.



JEFFERSON BERNARDES

U como ele — já no campo das coisas práticas, dado o investimento relativamente baixo com pesquisa e desenvolvimento de produtos, não. O Brasil gastará, em 2011, 0,9% de toda a sua riqueza para incentivar a explosão de iniciativas pioneiras na indústria, o que corresponde a 19,4 bilhões de dólares. É valor que põe o país em uma honrosa 11ª posição mundial. Mas é muito pouco se comparado ao desembolso dos Estados Unidos, 405 bilhões de dólares, o equivalente a 2,7% do PIB, apenas para alimentar a competitividade de

os que caíssem na tentação, como é que agora o mesmo Congresso vem dizer que a punição é pesada demais?

25 de Janeiro de 1995

lheres. E é isso que nós nunca poderemos ter. Nunca. Em nenhuma época da vida, em nenhum lugar, com nenhuma

11 de Setembro de 1968



SENADOR
**EDUARDO
BRAGA, PMDB**
8/6/2011 - 13:16:13
DURAÇÃO:
24 MINUTOS

"Quería saber como o PT se posicionaria sobre o Código Florestal. Ninguém pode negar que a máquina partidária petista foi arquitetada e construída pelo Dirceu"



DEPUTADO
**DEVANIR
RIBEIRO, PT**
7/6/2011 - 20:22:42
DURAÇÃO:
25 MINUTOS

"Faz muito tempo que eu não vejo o Zé Dirceu. Nem lembro quando foi a última vez"

José Dirceu se tornou habitué dos holofotes com a redemocratização do país. Foi fundador e presidente do PT, elegeu-se três vezes deputado federal e comandou a estratégia que resultou na eleição de Lula para a Presidência da República. Como recompensa, foi alçado ao posto de ministro-chefe da Casa Civil. Foi um período de ouro para ele. Dirceu comandava articulações no Congresso, negociava indicações de ministros para tribunais superiores, decidia o preenchimento de cargos e influenciava os mais apetitosos nacos da administração federal, como estatais, bancos públicos e fundos de pensão. Dirceu se jactava da condição de "primeiro-ministro" e alimentava o próprio mito de homem poderoso. Sua glória durou até que ele fosse abatido pelo escândalo do mensalão, em 2005, quando se descobriu que chefiava também um bando de vigaristas que assaltava os cofres públicos. Desde então, tudo em que Dirceu se envolve é sempre enevoado por suspeitas. Oficialmente, ele ganha a vida como um bem-sucedido consultor de empresas instalado em São Paulo. Mas é em Brasília, na mais absoluta clandestinidade outra vez, que ele continua a exercer o seu principal talento.

A 3 quilômetros do Palácio do Planalto, Dirceu mostra que suas garras estão afiadas. Ainda é chamado de "ministro", mantém um concorrido gabinete num quarto de hotel, tem carro à disposição, motorista, secretário e, mais impressionante, sua agenda está sempre recheada de audiências com próceres da